

BOIADEIRO DE UMBANDA:

Arquétipo do sertão, figura mística da mestiçagem brasileira.

Fernando Cabral Morselli Guerra¹

Resumo:

A fim de criar uma identidade nacional, símbolos foram eleitos para elucidar a nação. Junto à capoeira e ao samba, o mestiço se firma como tipo brasileiro, trazendo consigo sua cultura miscigenada. Com o modernismo e o movimento regionalista, nas décadas de 1920 e 1930, a região nordeste ganha visibilidade, e sua cultura é exposta nas artes, literatura e música. Na década de 1950, o migrante nordestino se apresenta ao sudeste como mão de obra na industrialização. Os centros religiosos os serviam como meio de inclusão social. A umbanda, na forma de religião agregadora que é, aproveitou os mitos e estereótipos trazidos por eles, ressignificou a figura do sertanejo e a incluiu ao imaginário umbandista. Agregou a entidade do boiazeiro ao seu panteão e, desta forma, conseguiu dialogar diretamente com este migrante, além do gentílico da região sudeste.

Palavras-chave: Sertão, Umbanda, Boiazeiro, Identidade, Imaginário nacional.

Abrindo os trabalhos...

A magnífica forma como Euclides da Cunha apresenta o sertanejo e sua região em *Os Sertões* (editado originalmente em 1902) me chamou a atenção algum tempo atrás. Desde então todo um cenário novo se construiu em minha cabeça na medida em que fui descobrindo o quanto tudo ali era interessante. As leituras sobre o tema se intensificaram e resolvi escrever algo sobre o assunto.

Mas, por onde começar e para onde ir? Qual viés a trabalhar? A participação como monitor no curso de Cultura Brasileira Contemporânea do Curso de Produção Cultural contribuiu para a escolha do objeto de estudo em foco.

Assim, as leituras de textos, os filmes vistos e as discussões realizadas em torno da Umbanda, representou um convite para se pensar o fenômeno do sincretismo e seu poder agregador através de suas personagens e/ou entidades espirituais, além de sugerir um caminho fecundo na aproximação com o tema do sertão. Nesse sentido, a revelação da imagem do “boiazeiro”, a primeira vista entidade menos conhecida que Zé Pelintra, os preto-velhos e caboclos, porém, não menos simbólica no universo da Umbanda, pareceu-me um achado.

¹ Aluno do 5º período do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense/UFF
Email: nandozangari@gmail.com

Afinal, trata-se da representação do homem do sertão, vestido a caráter com roupas de couro e o famoso chapéu de nordestino, e que se manifesta nos terreiros de umbanda.

Até a chegada a este ponto, ou melhor, a esta entidade, um longo percurso com muitos percalços, desvios e inúmeras perguntas foi realizado. Sem pretender oferecer respostas prontas e acabadas, mesmo porque não é este o espírito que move essa investigação, acredito ter chegado a um bom termo, pois agreguei conhecimento, relativizei certas impressões, ratifiquei certas suspeitas, fazendo dessa experiência o que ela se pretende ser, ou seja, um trabalho de iniciação científica.

Desta forma, este texto objetiva analisar a entidade do boiadeiro como nova figura do panteão Umbandista, com atenção a ideia do imaginário desta religião, onde figuras tipicamente de identidade nacional têm suas significações invertidas e passam de membros a margem da sociedade para figuras de grande expressão, poder e respeito dentro do culto da Umbanda.

As origens

O então Presidente da Província do Rio de Janeiro, Visconde de Uruguai, já em 1840, apontava para a necessidade de se estabelecer um caráter nacional a nação Brasileira, processo este que só seria possível em longo prazo. Uruguai ainda criticava com veemência a importação das ideias estrangeiras², prenunciando o “mal estar da cópia”, denunciado por Schwarz (1987).

Por volta de 1870, as discussões sobre mestiçagem se contrapunham. Intelectuais insurgiam em ideias, por exemplo, enquanto Nina Rodrigues dizia não encontrar razões suficientes para exaltar a mestiçagem, Silvio Romero formulava a frase: “Somos mestiços, se não no sangue ao menos na alma” (1953), frase esta que revelaria o caráter futuro dado à mestiçagem, transgredindo do âmbito biológico ao espiritual.

Contrapondo-se a visão destes interpretes do Brasil, a Umbanda se apresenta como uma forma de religião que mescla elementos diversos da cultura brasileira, não se valendo de pré-conceitos ou teorias de miscigenação. Assim, coloca na prática o que todos os teóricos tentam explicar, concordando ou não com tal mistura. A Umbanda, se caracterizada pelo grande fator agregador, adaptava os cultos africanos ao Kardecismo (e vice-versa), incluindo o indígena e o escravo em seus cultos que acabavam de nascer, por volta de 1918.

² Na relação entre costumes e leis, a precedência cabia aos primeiros. As instituições não deveriam ser pensadas em abstrato, mas em correspondência com as condições objetivas do povo. Daí nascia a crítica à importação de ideias e instituições estrangeiras, em desacordo com a configuração social e cultural do Brasil. (2009:29)

Se o escravo e o indígena eram incluídos ao culto, talvez como forma de afirmação de brasilidade em uma religião nova e genuinamente brasileira, onde estaria o mestiço, tão valorizado a época? Se o escravo se caracterizava dentro da Umbanda na forma da entidade do preto-velho e o indígena como caboclo, talvez o boiadeiro e o baiano se incorporem a Umbanda para ocupar o lugar do mestiço. E assim como outras entidades – Zé Pelintra, Maria Padilha (entidades urbanas por excelência) – que vinham ganhando espaço na sociedade brasileira, acabam sendo incorporados ao panteão umbandista para cumprir a tarefa de dialogar com determinada fatia da sociedade.

Mas, aludindo a Euclides da Cunha, o homem do interior teria apenas a miscigenação do indígena com o branco colonizador, nada de escravos negros criando um mito de três raças. E é este homem, o do interior a quem pretendo me focar neste artigo. O homem que das dificuldades da criação de gado do sertão nordestino foi alçado à categoria de entidade religiosa na Umbanda, isto é, o boiadeiro, cuja origem está intimamente relacionada à do sertanejo e que daqui pra frente, é quem ganha nossa atenção.

O Sertanejo

O sertanejo tem descendência em primazia dos Tapuias, que viriam a se miscigenar, com o homem que normalmente vinham do litoral tocando a boiada, fundando assim o arquétipo do sertanejo. Estes homens eram em sua maioria brancos pobres e mestiços, acostumados a serem livres e não afeiçoados ao regime de trabalho dos engenhos de açúcar. Dizem os historiadores, que por isso vão procurar a vida aventureira do pastoreio, com a intenção de um dia se tornarem grandes criadores. O resultado será a oferta de mão de obra suficiente e constante em lugar trabalho escravo do negro.

Desta mistura, forma-se um tipo particular de população, com características próprias no modo de vida, trabalho e organização social e familiar. A economia escravocrata não se funda nesta região. Aqui a qualidade dos serviços prestados era fator de troca determinante, quanto melhor o empregado realizasse o serviço prestado, melhor seria a gratificação. Gratificação esta, que se dava em forma de cabeças de gados e pequenos espaços de terra para criá-las e fazer roçado. Sendo este agrado dependente do brio pessoal dos vaqueiros, a dignidade pessoal dos mesmos estava longe de ser respeitada, a relação entre o patrão e o empregado era sempre rigidamente hierarquizada e arbitrária. O medo maior destes vaqueiros era de lhes serem tomadas aquelas terras, ou de lhes faltarem a proteção do patrão contra a polícia. Deste modo, assumem caráter de lealdade extrema ao senhor, sendo proibidos até de ter contato com estranhos ou serviços de outras fazendas.

Os vaqueiros viviam a ermo, afastados uns dos outros, sem contato praticamente nenhum com a civilização, tendo no gado todo o material necessário para sua subsistência. Estes homens são caracterizados muitas vezes como pessoas distintas aos da região litorânea do nordeste (1995:354), os quais tinham contato com a civilidade e o resto do mundo. Tais características de isolamento imprimiram ao homem do sertão certos trejeitos metódicos e arcaicos os quais são únicos³ que se aplicam, talvez pela forma de sociedade criada naquela região, e trazem consigo uma alma conservadora. Estes homens não estavam distantes apenas em espaço, mas, também, em cultura dos gentios do litoral. Seu modo de viver arcaico, à margem, com uma alimentação escassa e pouco variada, clima dificultoso e árduo trabalho, não podia ser melhor exemplificado do que na famosa frase “O sertanejo é antes de tudo um forte” (2003:157).

Entre o modernismo e o regionalismo

As décadas de 20 e 30 são marcadas por efervescências culturais e políticas que viriam a mudar por completo a sociedade brasileira. O modernismo, com a semana de arte moderna de 22, apresenta um novo contexto para a cultura brasileira. Mario de Andrade passa a olhar para dentro de nosso país e buscar nossas raízes. Getúlio Vargas, com seu Estado Novo, tenta traçar um rumo para a nação, estabelecendo símbolos que a caracterizassem, dando voz ao povo e fazendo com que se criasse um efeito de mundo do local aonde viviam. A feijoada é eleita o prato nacional, a capoeira se torna o esporte nacional e o mestiço se eleva a figura típica brasileira. E é neste contexto, que o sertanejo passa a ter voz e é apresentado à sociedade brasileira do sudeste. O homem do sertão continua recluso nos interiores nordestinos, porém, governantes e pensadores passam a lhe dar certa “voz”. O sertanejo é agora apresentado, não de forma pejorativa, mas em estudos e pesquisas que realçam sua grande diversidade cultural mas, claro, sem deixar de se lembrar da luta que se é viver no sertão.

Nesta época, surge um movimento apartidário dissonante aos ideais modernistas, porém que deu visão e magnitude a região Nordeste. Este manifesto ficou conhecido como Movimento Regionalista e tinha a sua frente Gilberto Freyre. O intuito do movimento era conscientizar governantes e nação da necessidade de se preservar a cultura local, não só em âmbito nacional, mas principalmente regionalmente. Oliven (1992:35) observa que Freyre era

³ “O sertanejo arcaico caracteriza-se por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por seu carrancismo de hábitos, por seu laconismo e rusticidade, por sua predisposição ao sacrifício e violência. E, ainda, pelas qualidades morais características das formações pastoris do mundo inteiro, como o culto da honra pessoal, o brio e a fidelidade a suas chefaturas”. (1995:355)

enfático ao comentar as intenções do grupo: “Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil”, o que queriam na realidade era estabelecer uma política aonde o Brasil fosse dividido em regiões e não em uma divisão injusta de estados.

Na década de 30, com a chegada de Vargas ao poder, houve uma mudança na maneira com que se governava e o estado passou a ser mais centralizador. De certo modo, foi posto fim a dita “política dos governadores”, e é criada uma nova legislação trabalhista, além do Ministério da Educação que, por sua vez, teve papel fundamental na propagação da nova ideia de Brasil.

O Ministério da Educação ficaria responsável pela distribuição de um conteúdo programático nacional único. Adicionou a grade curricular a disciplina de Moral e Cívica, além de incluir em seus livros, figuras do artista Percy Lau, aonde se demonstravam, quais eram os arquetípicos de cada região do Brasil, isto é o Seringueiro no Norte, O vaqueiro no Nordeste e etc. Com isto, o estereótipo do sertanejo de chapéu e roupa de couro, tocador de boiada é inserido ao pensamento nacional sem que nem ao menos se sentisse.⁴ A literatura, também deu a sua colaboração para o fortalecimento do imaginário sertanejo na região sudeste. Com autores como José Lins do Rego e outros já citados, as mazelas sertanejas são postas em cheque e ao “alcance” de todos através de livros, textos e poemas. O cangaço vem a tona junto as secas e aos conflitos. As figuras típicas das histórias são, claro, características do sertão, estão nelas inseridas o cangaceiro, o jagunço, o vaqueiro e etc.⁵

O Estado Novo sem duvida mudou a forma de se ver e pensar o Brasil. Mas verdadeiramente, foi em 1945 que começaram a haver mudanças significativas na forma de se viver no Brasil. Principalmente na dos sertanejos. O êxodo rural se acentua e começamos a perder nossa vocação agrária, a manufatura já não representava grande percentual, a criação de rodovias e o fim da autonomia dos estados colaboraram para que passássemos a sofrer uma grande imigração do campo para a cidade.

Com a industrialização implementada por Vargas e expandida no governo JK, o fluxo migratório campo-cidade na região sudeste foi impressionante. As ofertas de emprego cresciam junto da necessidade de mão de obra de todos os tipos. E foi neste contexto que o nordestino se apresentou ao Sudeste, desta vez não mais em livros, mas sim pessoalmente, trazendo consigo seus hábitos, costumes e cultura, sejam eles do litoral ou do interior

⁴ A palavra “imaginário” é primeiro um adjetivo que, conforme os dicionários, conota algo “que só existe na imaginação; ilusório; fantástico”. Pertence ao reino do mito, da fábula, da ficção. Em outras palavras, situa-se em outro campo que não o da realidade. Na cultura ocidental que, até hoje, assumiu forte compromisso com o racionalismo, o imaginário será, por conseguinte, o lado oposto ao da razão, pura expressão da imaginação. (Augrass, 2009:209)

⁵ Prova maior da criação de um imaginário sertanejo, pode-se ser vista nos filmes, “O cangaceiro” de Lima Barreto (1953) e “Vidas Secas” de Nelson Pereira dos Santos (1963) baseado no livro de Graciliano Ramos.

nordestino. Na década de 50, cerca de 11 milhões de brasileiros deixaram as áreas rurais rumo aos grandes centros, sendo metade destes originados da região Nordeste. Neste mesmo período a região Sudeste sofreu um aumento de 31% em seu contingente populacional.

É neste período que o Kardecismo e Umbanda – esta última principalmente – tomam forças na sociedade urbano-industrial. Seja pela ascensão da classe negra e mestiça, seja pelo poder agregador, sejam pelas lutas das federações de Umbanda dentro da política. A verdade é que, é justamente neste contexto de fluxo migratório que a religião umbandista se finca como religião. Não só como religião, mas também como meio condutor de inclusão do migrante do interior à sociedade dos grandes centros urbanos, quando possivelmente o sertanejo migrou para a cidade e, por conseguinte, para os terreiros de Umbanda.

A Umbanda

Na forma genérica e universal, empregada na bibliografia doutrinária Umbandista, diz-se que sua fundação é datada de 1908, e sua história só se inicia quando o então médium Kardecista Zélio de Moraes recebe, em um centro de mesa branca de Niterói, a entidade do Caboclo Sete Encruzilhadas, dando-lhe uma missão: Abrir 7 tendas de Umbanda. A partir daí a Umbanda se propaga e passa a angariar fiéis por todo o Rio de Janeiro.

De certo que a Umbanda é uma religião relativamente nova, mas não se pode dar todos os créditos de fundação ou criação dessa religião à um médium ou apenas à um caboclo.

O termo “Umbanda” sim pode ter surgido pela primeira vez, na cidade do Rio de Janeiro, por volta de década de 1920. Porém, suas origens estão ligadas a doutrinas muito mais antigas e das quais sem elas, a Umbanda não se tornaria o que é hoje. O culto às divindades africanas foi trazido pelos escravos africanos e disseminado em várias formas pelo território nacional. Todavia, há certa dessemelhança nos cultos praticados em cada região do Brasil. Isto ocorre devido a diáspora africana, onde diferentes nações foram distribuídas pelo nosso país. Mesmo que haja uma mistura destas nações, os costumes de pelo menos uma delas, se sobressaiu às outras. Este é o motivo da grande diferença entre o culto Carioca e o Baiano.

A dita Macumba Carioca é iniciada por escravos de origem Bantu, os quais praticavam o culto a seus antepassados, sejam familiares ou grandes líderes já falecidos. Por outro lado, o Candomblé Baiano é iniciado por escravos de origem Nagô, os quais praticavam o culto as divindades da Natureza, ou seja, aos Orixás. Estes, que por sua vez nunca viveram na terra, ou neste plano espiritual que nos cabe (1972:XIII).

Por volta das décadas de 1920 e 1930, a Umbanda passa por uma grande repressão, por parte do Governo Vargas. Os cultos espíritas passam a ser classificados como de Alto e Baixo espiritismo⁶, fazendo com que a Umbanda fosse enquadrada no segundo grupo, levando a sociedade a acreditar que seria este um culto a não ser praticado e nem frequentado e sim, reprimido com rigor.

Para tentar ser aceita pela sociedade em geral, a Umbanda precisou mudar e muito. A fim de ser considerada como um culto do “alto espiritismo”, ela agregou princípios doutrinários ligados ao Kardecismo e abandonou certos hábitos que a caracterizavam como culto primitivo e sem fundamento.

Com estas substituições, a partir da década de 1940, a situação começa a mudar. E, com o objetivo de fixar regras aos cultos, além de lutar pelos direitos da Umbanda, surgem as chamadas Federações Umbandistas. As tendas de Umbanda deveriam ser filiadas para que pudessem funcionar legalmente, porém, para se filiarem, as tendas deveriam seguir regras impostas por estas Federações⁷, para que fossem elas classificadas como alto espiritismo.

Não havia uma única federação, afinal, uma regra única e suprema não agradaria a todos. Desta forma, outras federações, com outras regras, foram se formando aos poucos. Nesta questão, é interessante ressaltar a multiplicidade da Umbanda. Não há uma forma única de culto, cada tenda faz a sua maneira, isto segue a interpretação que o pai de santo dá a doutrina, ou seja, ele cultua as divindades da forma que ele acha mais conveniente, tornando assim a cosmologia Umbandista altamente eclética. De certo que há algumas semelhanças de tenda para tenda, porém, nunca uma igualdade de culto. (1982:28)

O surgimento e advento da Umbanda estão intimamente ligados a um momento de profundas mudanças na sociedade brasileira. Isto é, em paridade a urbanização, industrialização e formação de sociedades de classe. Fica claro o acompanhamento desta industrialização, quando se nota a mudança do culto. Os Pais e Mães de Santo não passam mais por todos os ritos de passagem. A Umbanda abdica de inúmeros cerimoniais antes fundamentais no candomblé. O filho de santo não precisa mais passar dias e até meses na camarinha para que lhe sejam passadas as doutrinas por palavras. Este aprender passa a ser realizado através de cartilhas ou leituras espirituais e até antropológicas, fazendo com que a doutrina passe a ser algo refletido e não passado oralmente como manda a tradição. Em suma,

⁶ O “alto” espiritismo seria “religião protegida pelo Estado, culto semelhante aos demais e livre, inspirado nos nobres princípios da caridade, envolvendo pessoas instruídas de elevada condição social”, enquanto o “baixo” espiritismo “seria a prática de “sortilégios”, de feitiçaria e curandeirismo enquadráveis no Código Penal, despido de moralidade e motivado por interesses escusos, envolvendo pessoas desclassificadas socialmente e ignorantes”. (Negrão, 1996:57)

⁷ Com o passar do tempo, membros destas federações, aproveitaram para se candidatar a vereadores e deputados. Conseguindo, com isso uma elevação da Umbanda a categoria de alto espiritismo.

se tornar filho de santo passa a não carecer de tanto investimento, seja monetário ou temporal. Desta forma, a religião se adapta a vida corrida da sociedade urbano-industrial.

A verdade é que a Umbanda funcionava também nas décadas de 1940 e 1950 como uma religião que integrava o migrante rural ao meio urbano, não propriamente a cidade, mas a um novo campo de relações sociais, atuando como substituta a outras relações, tais como a de parentesco. (1982:28)

As Entidades

Para Marco Aurélio Luz (1972:52), a Umbanda é como um *“retrato da formação social brasileira”*. Neste contexto, as entidades seguem uma espécie de hierarquia, que muito se assemelha a nossa hierarquia política de sociedade e que está implícita sem que ao menos se perceba esta ligação. Para nos darmos conta desta hierarquia, basta notar o altar de alguma tenda Umbandista.

Neste altar, primeiramente se encontram os Orixás do Candomblé, representados simbolicamente por imagens de santos católicos. Depois, os santos da Umbanda, representados por imagens “fiéis” as suas feições. Em primeiro, no patamar mais alto, encontramos Oxalá na forma de Jesus Cristo. No nível abaixo, temos Ogum - na forma de São Jorge, Xangô - como São Jerônimo ou São Pedro, Oxóssi - que é São Sebastião e etc. Em um nível inferior, encontramos os preto-velhos e caboclos. (1982:26)

Para início de conversa, é preciso entender que a Umbanda trabalha com duas linhas. De um lado, temos a da direita - espíritos do bem e, de outro, a da esquerda - espíritos das trevas. A linha da direita é composta por seres de luz, com alto nível de evolução espiritual, que só praticam o bem e só recebem pedidos, considerados moralmente aceitáveis, são eles os Orixás, caboclos, preto-velhos, Ibejis (crianças) e etc. Já a linha da esquerda é composta por entidades que ainda buscam a evolução, espíritos que ainda não conseguiram atingir a luz e que aceitam qualquer tipo de demanda, desde que sejam recompensados quando estes forem realizados, são eles os exus, pomba giras e Zés Pelintra (1982:27).

Vamos nos atentar as linhas da direita, que são as linhas com as quais a Umbanda mais trabalha. São elas, sete linhas, que se dividem em sete Legiões; estas legiões se dividem em sete Falanges, que se dividem em mais sete subfalanges e assim por diante.

Há também, segundo Lísias Negrão, uma linha mista ou intermediária, composta por novas entidades que, por sua vez, trabalham tanto na direita quanto na esquerda. É exatamente nesta linha onde se encontra o Boiadeiro de Umbanda, junto a entidades como baianos, marinheiros e rendeiras.

Tais entidades, mesmo só praticando o bem, não estão incluídas dentro da linha da direita, pelo simples fato de suas atitudes não serem ainda moralizadas ao ponto de conviverem com seres superiores de luz, tais como os Orixás. A bondade de tais entidades é inegável, todavia, necessitam ser ainda doutrinados para que mudem seus hábitos (bebidas, fumos e palavreado).

O Boiadeiro

Se na “hierarquia doutrinária” os boiadeiros se encontram numa linha dita mista, na hierarquia física do terreiro, seus artefatos não estão dentro do terreiro e nem suas imagens perto do altar. Não estão tão longe quanto o quarto de Exu, que se encontra na entrada do terreiro, e nem tão perto quanto às imagens dos caboclos. O lugar dos objetos dos boiadeiros fica em um “entremeio”.

Na tenda espírita visitada, o canto de boiadeiro se encontra literalmente em um canto (uma quina de paredes) e fica atrás da assistência (parte onde ficam os “consulentes”). No local há um móvel vazado e largo em forma de triângulo que se encaixa perfeitamente a quina da parede. Em cima deste móvel, há uma imagem de tamanho significativo da entidade do boiadeiro. Na única prateleira existente se encontram objetos que remetem ao boiadeiro e que, ocasionalmente, são usados em suas sessões (chicote, berrantes, chifres, chapéu de couro nordestino, cigarro de palha, ferradura, etc.). Logo abaixo desta prateleira, já no chão, veem-se quatro copos de barro que, segundo informações, pertencem aos boiadeiros dos médiuns mais antigos do terreiro. Copos estes que, a cada sessão, sendo ela dedicada aos boiadeiros ou não, são cheios com as seguintes bebidas: No primeiro é colocado vinho misturado com cachaça, no próximo só vinho, o terceiro é completado com cachaça e mel, por fim, o ultimo, só com cachaça.

Como se vê, faz parte das “oferendas” aos boiadeiros as bebidas alcoólicas. Mesmo quando incorporados, eles não fazem uso nem de cigarros e bebidas, mas estas oferendas, por si só, valem para que estas entidades não façam parte da linha moralizante de direita.

Mesmo lendo relatos de outros pesquisadores, nunca vi uma sessão inteira dedicada à entidade do boiadeiro. No terreiro visitado, a maioria das sessões acontece da mesma forma.

O rito segue a seguinte estrutura:

Após a cerimonia de bater cabeça no altar e a defumação, inicia-se a descida dos caboclos, os quais ficam em terra por um longo tempo, a fim de dar passes aos consulentes. Quando não há mais ninguém da dita assistência para se consultar com os caboclos, eles se retiram do terreiro e a partir daí, ou se encerra a sessão – novamente com a cerimonia de bater

cabeça – ou passam a entoar cânticos de outras entidades. O mais comum era, neste momento – como se diz no terreiro – “virar a gira”, ou seja, todos os filhos de santo retiram as guias e se conta para exu. Neste momento, o “povo da rua” baixa no terreiro.

Apenas em uma ocasião vi sendo entoados cânticos destinados a entidade do boiadeiro. Neste momento, os cambonos (médiuns que não incorporam, apenas auxiliam as entidades em terra), vão ao canto do boiadeiro e dele retiram os chapéus, chicotes, laços, ferraduras e qualquer outro objeto que possa ser utilizado pelos boiadeiros que estão para descer. O toque dos atabaques muda, o ritmo fica bem mais acelerado. Não tarda para que as entidades comecem a descer. A descida começa pelo boiadeiro da mãe de santo e é seguida pelos membros mais antigos do terreiro. Todavia, os boiadeiros não são saudados um a um, nem cada um tem ponto cantando enquanto incorporam, assim como acontece com os caboclos. A ordem de descida pode continuar a mesma (a começar pela mãe de santo), mas em apenas um ponto cantado, todos os médiuns estavam em transe. O terreiro se torna mais agitado do que em qualquer sessão. Agora, as entidades já em terra, são arrumadas a caráter, os chapéis são colocados, chicotes e laços são entregues, eles se encontram acelerados e com rapidez andam de um lado para o outro, como se aquele espaço do terreiro não os fosse suficiente. Todos estão nesse momento em dissonância bradando Ê BOI, fazendo movimentos bruscos e ágeis, como se jogassem um laço para alguma coisa laçar ou como se chicoteassem algo, os olhos são fixos, pupilas dilatadas, feição fechada, como se estivessem “brigando” com alguém. Os atabaques não param um minuto sequer de tocar, o ritmo é contínuo e acelerado. A vibração parece tomar conta de todos, os cânticos são entoados em tons os mais elevados possíveis.

Todavia, a parte da sessão dedicada a eles parece um tanto quanto fugaz, termina rápido. Em pouco tempo, já estão os boiadeiros de saída. Vieram apenas para fazer seu trabalho, não tem a missão de aconselhar ninguém, nem muito menos dar passes. Uma vez feita a limpeza do terreiro, “chicoteadas” as impurezas dos médiuns e consulentes, vão eles carregar consigo os espíritos de pouca luz, como se tocassem de volta a boiada para seu devido lugar.

Dentro do sincretismo Umbandista, esta entidade tem como missão ser refreador do baixo astral, afastar os espíritos malfazejos que por ventura possam vir a atrapalhar o bom andamento de determinada sessão no terreiro (2011:111). O boiadeiro é uma entidade relativamente nova dentro do panteão umbandista, comparados aos caboclos e preto-velhos, que viveram, o primeiro, antes da descoberta do Brasil e o segundo no tempo da escravidão. O

boiadeiro remete já a um tempo mais moderno, tendo vivido entre nós a pouco menos de 100 anos atrás, talvez.

Segundo Maria Helena Villas Boas Concone, dentre as qualidades encontradas nestas entidades, podemos citar a sisudez, braveza, trabalho, seriedade e severidade. Ainda segundo a mesma autora, a postura do Boiadeiro é ereta e tensa, não falam, sua fisionomia é carregada, não fumam e nem usam bebidas. Só dançam os pontos cantados, fazendo movimentos com um laço imaginário e emitindo chamado (Ê boi!).

Seus pontos cantados e entoados remetem ao lugar e a vida no sertão, dentre tantos, podemos citar:

“Mas que lindo caboclo chegou
É um lindo caboclo ligeiro
Saravá esta linda Umbanda
Aqui chegou o Caboclo Boiadeiro
Ele veio do sertão
Correndo pelas estradas
Estalando seu chicote
Carreando sua boiada
Ai, ai, ai meu Deus do céu
Ai, ai, ai Virgem Maria
Umbanda de Boiadeiro
Vara o raiair do dia”.

Não existem boiadeiros mulheres, assim como há “caboclas” e “preta-velhas”, nem uma entidade que se equivalha ao sexo feminino, como as rendeiras aos marinheiros. A entidade do boiadeiro é exclusivamente masculina, porém, incorpora em homens e mulheres. Como com as outras entidades, em algumas tendas os boiadeiros usam indumentárias, isto é, roupas de couro, chapéu, chicote e etc. Já suas oferendas são compostas de comidas típicas, tais como feijão tropeiro, carne de sol e etc.

As comidas ofertadas em festas e cerimoniais aos boiadeiros são, em sua maioria, pratos que remetem ao modo de vida do interior. Não só do sertão, mas de Minas Gerais, Matogrosso e etc. São a eles entregues pratos de jabá com jerimum, baião de dois, feijão de corda, carne de sol, macaxeira, feijão tropeiro, entre outros pratos tipicamente consumidos por vaqueiros e boiadeiros de quaisquer regiões do Brasil. Já em suas oferendas, tais comidas, normalmente são acompanhadas de frutas, cachaça ou vinho doce servidos em copos de barro. Não pode faltar também fumo de rolo e cigarros de palha. Aludindo aos locais onde tais

entidades viveriam, estas oferendas devem ser despachadas em porteiras, campos, pastos, beiras de rio e etc.

Como foi possível notar, a indumentária e a “alimentação” do boiadeiro remetem as do sertanejo. Porém, as semelhanças vão além. O boiadeiro e o sertanejo também têm hábitos parecidos. Creio que toda sisudez e seriedade do boiadeiro venha da vida ao ermo do sertão, sua braveza, das dificuldades enfrentadas com a boiada e as lutas sertanejas, o não falar e não dar passe do boiadeiro de Umbanda, da distância e da solidão em que viviam os sertanejos do sertão Nordestino. (2011:289)

Conclusão

É sem dúvida a Umbanda uma religião agregadora, da qual fazem parte as grandes personagens da história brasileira. Todavia, tais personagens são ressignificadas dentro da religião de forma inversa, carregando consigo alto grau de estereótipos. Dentro do terreiro, é encenada uma dramatização da história de nosso país. Os caboclos, não são os selvagens antropofágicos, muito menos os rebeldes que fugiam e não aceitavam serem escravizados. Dentro da Umbanda, o índio que se apresenta como caboclo é o bom selvagem do tipo de romances de José de Alencar. O preto-velho não é o escravo fugido, revoltoso da escravidão, e sim o escravo que soube ter paciência de aceitar seu lugar de subserviência ao homem branco. O boiadeiro por sua vez, é o sertanejo vindo do longínquo Sertão, aquele homem que sabia respeitar os senhores de engenho e deles era criado, homens acostumados a lidar com o gado, com o trabalho duro e a vida difícil, cheia de mazelas.

A Umbanda apresenta estes personagens em seu imaginário na forma de uma visão romantizada e estereotipada. Afinal, os caboclos usam cocares de índios ao estilo americano, apresentam-se com brados, representando a valentia e força do índio brasileiro. O preto-velho fuma seu cachimbo e, em cima de seu banquinho, com lenço na cabeça, terço e pomba na mão, é a imagem da paciência, que com voz macia e serena aconselha seus fiéis como um padre em um confessionário. Já o boiadeiro veste roupas e chapéu de couro, usa chicote e laço, grita com a boiada, apresenta-se de forma sisuda e nervosa, tal como os cangaceiros tão famosos do bando de Lampião.

Há nesta visão mais um dos diferenciais que favorecem a proliferação da religião. As entidades da Umbanda viveram entre nós, foram gente como a gente, não são Deuses distantes e impalpáveis (2011:290). Como a Umbanda é uma religião que caminha lado a lado com as transformações históricas do país, seja política ou social, há, de tempo em tempo, digamos, uma criação de novos mitos, com o intuito de ocupar o lugar de mitos que acabam

com o tempo se moralizando. Quanto mais a entidade consiga se comunicar e até se assemelhar com o consulente, de forma que a linguagem praticada se faça entender, melhor será a forma de expressão dos anseios, maior validade terá o culto, conseguindo assim que maior seja a procura pelas tendas e suas entidades (1998:169).

Se na década de 1920 a Umbanda com as entidades dos caboclos e preto-velhos foi um dos meios de inserção do mestiço, descendente do índio e do negro, a sociedade urbana de classes, o boiadeiro mais a frente, nas décadas de 1940 e 1950, serviu novamente com este mecanismo de agregação ao nordestino que vinha agora migrando para o Sudeste.

É notório ainda ressaltar que neste mesmo período (década de 50), explode nas rádios o rei do baião, Luiz Gonzaga. Com seu ritmo nordestino, ele traz para o sudeste todo o suingue do nordeste, cantando em suas letras a triste realidade do sertão. Conquistando grande parcela da população desta região, parece endossar o que o movimento sertanista em décadas antes tentou revelar por Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo que artisticamente e ainda em pequena proporção, consegue ele dar certa visibilidade ao nordestino que vinha chegando e aquele tinha ficado por lá. Como cantado nestes versos:

“No semblante
Ele tem a verdade
O esforço se vê na mão
O sorriso é coisa rara
No caboclo do meu sertão”.
Ele enfrenta o tempo disposto
Não conhece a recessão
Ele briga com a natureza
No inverno e no verão
São as qualidades natas
Do caboclo do sertão”.⁸

Com tais migrantes, vêm suas heranças de vida. Tais heranças ou mitos⁹ familiares são meios de valioso poder na criação de práticas e pensamentos do imaginário social (1972:51). Desta forma, se a Umbanda servia de local de introdução do nordestino a cidade grande, nada melhor do que seus mitos familiares passarem a agregar o imaginário social. Nota-se, desta forma, que a religião recorre a tipos exclusivamente da realidade nacional, obtendo sua fonte de inspiração em meio a classes subalternas e subservientes, que em sua maioria foram “dominadas” um dia.

⁸ Cabocleando, Luiz Gonzaga.

⁹ “Nos mitos, importante é o seu modo de combinação e permutação, e não a sua eventual significação, assim prenunciando o ulterior primórdio do significante -, propiciaria a progressão do imaginário para o simbólico, a organização do imaginário em mito”. (2009:214)

Fato interessante aqui é a inversão de papéis, uma vez que tais seres subalternos em vida se tornam, dentro da Umbanda, entidades que normalmente darão conselhos, realização trabalhos e problemas, justamente aos descendentes da classe que um dia se julgou superior e até os escravizou (como no caso do preto-velho). Com o status social sendo invertido, de meros atores coadjuvantes na história passam ao papel principal. O boiadeiro que no passado tinha sua dignidade pessoal muitas vezes desrespeitada por seus patrões, e se calava diante de uma relação rigidamente arbitrária, nos tempos atuais, terá a situação invertida, onde o descendente deste mesmo padrão se tornará “dependente” do auxílio da entidade, irá pedir ajuda a ela para resolver problemas espirituais.

Deste modo, invertendo os papéis, a Umbanda consegue manter relevante a sua importância no pensamento místico da realidade brasileira. Se uma categoria é excluída, seja lá por qualquer motivo do círculo social, a Umbanda requalifica esta categoria e passa a dialogar com ela de forma ímpar e as avessas com as quais a sociedade costumava dialogar. Elevando esta figura ao status de ser espiritual e o incluindo em seu panteão, primeiramente como um ser ainda não elevado que terá que mostrar seus serviços em relação a prática do bem, para que assim, como em uma estrutura militar, possa ele “subir de posto” e futuramente ser considerado como um ser de luz. Em suma, a Umbanda, de alguma forma, sacraliza o marginal das estruturas sociais.

A Umbanda é atenta a movimentos sociais e seus personagens são figuras destes movimentos. Desta forma, o boiadeiro nada mais é que um mestiço, isto é, a mistura do índio com o branco. Figura que melhor é representada pelo nordestino do interior, o qual, como diz Euclides da Cunha, não foi exposto a tantas miscigenações como a entidade do baiano, que para a Umbanda é o nordestino do litoral, este sim, tendo sofrido inúmeras misturas de raça.

As figuras resgatadas pela Umbanda representam movimentos sociais significativos da história Brasileira. Configurando assim, certa releitura destes movimentos, as quais requalificam e remontam um imaginário social. Criando certo tipo de sincretismo brasileiro, aonde os arquétipos de determinadas regiões e tempo são transformados em uma espécie de “Deuses”, sendo necessário a eles cultuar, consultar e fazer oferendas.

Partindo deste princípio, penso que daqui a algumas décadas, quando estas “novas” entidades forem moralizadas, a Umbanda criará novos mitos e transformará figuras do tempo presente em entidades, para que estes se enquadrem ao novo tipo de sociedade.

A cada mito que se perder, outro virá para substituí-lo, a cada novo movimento da sociedade, novos sincretismos surgirão. A Umbanda acompanha a sociedade e sabe muito

bem como se adaptar as suas mudanças. É uma religião que, sem duvidas, sabe se reinventar e com isso agrega mais conteúdo ao culto, adquirindo assim, a cada dia, mais fiéis.

Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. *Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

AUGRASS, Monique. *Imaginário da magia: magia do imaginário*. São Paulo: Edusp, 2009.
CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. *Caboclos e pretos-velhos da umbanda*. In: PRANDI, Reginaldo (org.) *Encantaria Brasileira*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ediouro, 2003 (coleção prestígio)

FRY, P. *Para inglês ver: Identidade e política na cultura Brasileira*. Zahar Ed., R. J., 1982.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1986

LUZ, M.A. e LAPASSAGE, G. *O segredo da Macumba*. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1972.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: Edusp, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

OLIVEN, Ruben George. *A parte do todo: diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARACENI, Rubens. *Os arquétipos da Umbanda: as hierarquias espirituais dos Orixás*. São Paulo: Madras, 2011.